

VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO
30, Rua da Alegria, 30
End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873
(Antiga R. da Procissão)
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



MARINA DEWANDER GABRIEL

(Foto San Payo)

apreciadíssima cantora que realiza no dia 30 o seu concêrto, na *Ayuntamiento de Madrid*, com a colaboração gentia da ilustre pianista M.^{me} Maria Levêque de Castelo Lopes.

ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E UMA FOLHA
DE BORDADOS EM TAMANHO NATURAL

A MAIS BELA REVISTA FEMININA DA PENINSULA.

VIDA ELEGANTE

CASAMENTOS



As sr.^{as} D. Beatriz de Menezes e D. Maria Olga Krug e os srs. Manuel de Menezes e António Grave, vencedores respectivamente do 2.º e 3.º prémios da «gymkana» de automóveis realizada nos jardins do Palácio de Cristal, no Porto

VIDA ELEGANTE

Nos jardins do Palácio de Cristal, no Porto, efectuou-se uma interessante «gymkana» de automóveis, promovida pelo Sport Club do Porto. A concorrência foi selecta e distinta, presidindo à elegante festa o sr. general Craveiro Lopes, que, com os srs. dr. João Antunes Guimarães, Henrique Marinho, dr. Ferreira Alves e João Cândido de Almeida constituíram o júri de honra.

Os obstáculos, delineados com originalidade e pitoresco, provocaram interesse.

As classificações, pelos percursos cumpridos com melhores tempos, deram o seguinte resultado:

1.º prémio ao sr. Eugénio Teixeira, acompanhado de M.^{lle} Izabel Krug, num esplêndido carro «Rugby», Taça Sport Club, medalha e um objecto; 2.º, ao sr. Manuel Menezes e M.^{lle} Beatriz Menezes, em carro «Ford»; 3.º ao sr. António Grave e M.^{lle} Maria Olga Krug, em carro «Fiat»; 4.º, ao sr. José Queirós e M.^{lle} Maria Lima, em «Citroën»; 5.º, ao sr. Olmiro Ferreira e M.^{lle} Izabel Krug, em «Peugot»; 6.º, ao sr. João de Miranda Antunes Guimarães e M.^{lle} Alda Ferreira Rodrigues, em «Austin»; 7.º, ao sr. Luís Soares Gomes e M.^{lle} Maria Noémia Silveira de Almeida, em «Fiat»; 8.º, ao sr. Joaquim Soares Gomes e M.^{lle} Damia Teixeira, em «Buick»; 9.º, ao sr. António Rodrigues Nunes e M.^{lle} Filomena Coelho Maia, em «Citroën»; 10.º, ao sr. Luís Alvim e M.^{lle} Ivonne Krug, em «Fiat»; e 11.º, ao sr. Manuel Vilas Boas e M.^{lle} Jane Krug.

Todos os premiados foram calorosamente aplaudidos.

Terminada a «gymkana», realizou-se, junto ao palco-corêto, o «chá-dançante», que se destacou pela concorrência elegante, ouvindo-se o «jazz» de Lisboa.

Dançou-se animadamente até ao fim da tarde.

MARINA DEWANDER GABRIEL

É uma das mais ilustres cantoras portuguesas, possuidora duma voz admirável evocadora da alma dos grandes músicos. O seu recital de canto no dia 30 há de marcar como um dos de mais pura arte realizados em terras portuguesas. Secundada obsequiosamente pela alma de artista que é M.^{me} Castelo Lopes, Marina Dewander Gabriel iniciará o seu sarau pelo célebre ciclo de *Os amores do Poeta*, do grande músico que foi Schumann. Na segunda parte do recital fez-se ouvir nas *Fêtes Galantes*, deliciosas composições que Debussy após uma leitura do *Pauvre Lélian* passou para a gama musical; na terceira parte a ilustre cantora faz-nos ouvir as *Sete Canções*, do grande Falla.

Vai ser um autêntico acontecimento artístico este recital de canto. E as leitoras da *Voga* não devem perder a ocasião de ouvir duas verdadeiras artistas — Marina Dewander Gabriel e M.^{me} Castelo Lopes.

ESPARTILHOS E CINTAS



"POMPADOUR"

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30

(Ameal), D. Isabel de Soto Maior, D. Maria Leonor de Soto Maior Negrão, D. Júlia Maria Barros Tovar, D. Alexandrina Pinto de Mesquita Negrão, D. Angela Vila Moura da Fonseca, D. Branca de Almeida Coutinho Lemos Soto Maior, D. Leonor Santiago de Soto Maior, D. Isabel de Lemos Soto Maior, D. Beatriz de Avila Soto Mayor, etc., etc.

E os srs.:

D. António Antunes, bispo auxiliar de Coimbra; conde de Azevedo, conde do Ameal, conde do Juncal, visconde de Vila Moura, D. Carlos Maria de Soto Maior, D. Francisco de Avila Soto Maior, dr. Angelo da Fonseca, D. Miguel Carlos de Soto Maior, D. Denis Carlos Rebelo da Gama Soto Maior, D. Francisco de Avila Soto Maior, dr. Francisco de Avila Negrão, cônego João Campos Neves, cônego Miranda Mendes, abade de Ancede, reverendo José Pinto Camelo, Diogo Barata de Tovar Pereira Coutinho, Luís Marcos Negrão, Nicolau Soto Maior Negrão, etc., etc.

Na «corbeille», que se encontrava exposta em uma das salas da Casa da Lage, via-se grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Com grande brilhantismo realizou-se na paroquial igreja de S. Mamede, o casamento da sr.^a D. Leonor Sardinha Jardim, interessante filha da sr.^a D. Rosalina Cândida Trindade Jardim, e do sr. João Pereira Jardim, com o sr. Francisco Ramos, filho da sr.^a D. Beatriz Reis Ramos, já falecida, e do sr. Alfredo Ramos.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Olga Maria Natália da Silva Sanches Jardim e de padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior da freguesia cônego Francisco Cândia, que não fmda missa fez uma brilhante alocução.

Fmda a cerimónia religiosa foi servido na

elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o Palace do Bussaco onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial igreja de Mafamude, em Vila Nova de Gaia, o casamento da sr.^a D. Jacinta Augusta Pimenta gentil filha da sr.^a D. Carolina Augusta Pimenta, com o sr. Vítor Henrique de Mesquita Cardoso, filha da sr.^a D. Amélia Teixeira de Mesquita Cardoso e do sr. Francisco Vítor Cardoso, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.^{as}:

D. Maria do Carmo de Magalhães e Menezes Vilar, D. Miquelina Angela de Bessa Pinto e D. Leonor da Câmara Leme.

E os srs.:

Conde de Marim, visconde de Francos, e João Cristiano da Silva.

OBRAS DE BENEFICENCIA

Na Sala do Risco. — Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, realiza-se no próximo domingo, na Sala do Risco, amavelmente cedida pelo sr. ministro da Marinha, um «chá dançantes» de caridade, cujo produto se destina a favor do Orfanato Escola de Santa Isabel.

Os pedidos de bilhetes para esta festa de caridade, devem ser requisitados pelo telefone norte 567.



A sr.^a D. Isabel Krug e o sr. Eugénio Teixeira vencedores do 1.º prémio da «gymkana» de automóveis realizada nos jardins do Palácio de Cristal, no Porto

maior animação e alegria, tendo nos intervalos da dança sido cantados vários fados pelos srs. João Medeiros, Carlos Neves e Júlio Libânio dos Santos, acompanhados à viola e guitarra, e que receberam ao terminar frenéticos aplausos.

Durante toda a noite dançou-se com verdadeiro entusiasmo, chegando por vezes a atingir o delírio, ao som de uma orquestra «jazz-band» e de uma fanfarras, que tocaram alternadamente um magnífico repertório de danças modernas.

Na assistência via-se, além do pessoal das livrarias e seus directores, os redactores da *Ilustração*, *Voga* e *Magazine Bertrand* e pessoas de suas famílias.

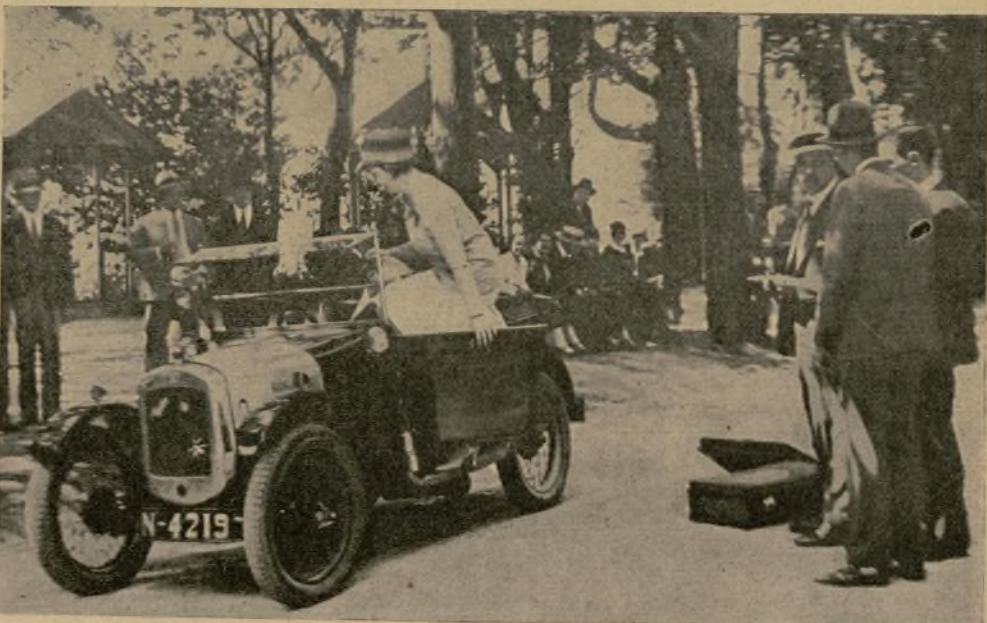
Esta festa, de carácter muito íntimo, deixou em todos os que a ela assistiram as mais gratas recordações.

A NOSSA FOLHA DE BORDADOS

CONTINUAM em pleno êxito as nossas fôlhas de bordados, tão úteis para as nossas leitoras. Hoje damos, juntamente com um gracioso centro de mesa, dois «piques» para rendas de bilros. Os respectivos cantos das rendas foram publicados: um, no número do Natal, e o outro no número da Páscoa. De então para cá tem sido tantos os pedidos solicitando estes «piques» que resolvemos publicá-los. Para se conseguir a dimensão do «pique» que se deseja basta juntar-lhe novas fôlhas de bordados e colocá-las a seguir umas das outras.

Na volta do correio serão satisfeitas as requisições da *Voga* com as respectivas fôlhas que enviaremos à cobrança, sendo prudente que as nossas leitoras nos façam esses pedidos com urgência pois que, como alguns números, dos que incluem os referidos «piques» e folhas apesar da sua enorme tiragem estão quasi esgotados, receamos não poder depois satisfazer pedidos que se atrazem.

E muito grato estamos às nossas leitoras pelo entusiasmo com que se nos dirigem sempre a respeito da nossa revista e da sua excelente fôlha de bordados.



Um aspecto da «gymkana» de automóveis realizada nos jardins do Palácio de Cristal, no Porto

Nenhum toucador de mulher moderna poderá dispensar os *Productos de Beleza* que *Voga* vai apresentar em breve
Ayuntamiento de Madrid

LISBOA, BIARRITZ, CRÓNICA DA SEMANA ACERCA DE "METRÓPOLIS" PARIS SEJAMOS JUSTOS

CONTO INEDITO DE HELENA DE GUSMÃO

GEORGINA — Descruva-me a sua viagem pelo estrangeiro...

ARTUR (com um sorriso melancólico) — Nada tem de notável, salvo o viajante, ou melhor, o estado de alma do viajante...

GEORGINA — Pois relate-a através desse famoso estado de alma...

ARTUR (com um sorriso ainda mais melancólico) — Através duma porção inextinguível de ridículo...

GEORGINA (com maliciosa insistência) — Assim mesmo me agrada...

ARTUR (resignado) — Seja. Em Vilar Formoso, a estação era feia, a paisagem desagradável... Não havia uma única nota que evocasse o país que abandonava. Vilar Formoso era tão espanhol como Fuentes de Oñoro era portuguesa.

GEORGINA (nervosa) — Deixemos a fronteira. ARTUR — Entre em Espanha com uma indizível tristeza, a tristeza com que abandonará Lisboa...



GEORGINA (com incontida alegria) — Prossiga... Está-me a interessar muito...

ARTUR — Passei a fronteira francesa. A minha tristeza aumentará.

GEORGINA (com redobrada alegria) — Continue, continue...

ARTUR — Biarritz, com a luz triste dum sol indeciso, quasi oculta por nuvens cinzentas, chegou a irritar-me. Inferior a algumas praias portuguesas nos seus três elementos essenciais: areal menos brilhante, céu menos azul, mar menos magestoso. Tudo ali me pareceu artificial: os palacetes, a beleza das mulheres, a riqueza dos milionários e o aborrecimento (spleen, se assim o quer) dos ingleses.

GEORGINA — E Paris?

ARTUR — Paris, magestoso e uniforme, pardacento no céu, pardacento nas fachadas dos seus prédios e monumentos, pardacento na monotonia chocante com que se arrastava, tédioso pelos boulevards, o seu famoso cosmopolitismo. Cidade onde ninguém se conhece, onde a indiferença pela vida, pela sorte dos outros, é uma lei dura, cruel, fatal. Vive-se ali mais isolado que no coração duma floresta.

GEORGINA — E não se divertiu?

ARTUR — Aborreci-me. Faltava-me o sol da minha terra, faltava-me ainda a coragem para esquecer o que me obrigara a abandonar Lisboa, com o ar exasperado com que o condenado foge da força e do peso da enxovia...

GEORGINA — Porque fugia?

ARTUR — Não sei. Fugia de mim próprio. Em Lisboa sentia que a minha salvação estava em Paris; em Paris julgava que morria se não regressasse a Lisboa.

GEORGINA (com transparente emoção) — E agora?

ARTUR — Regresso ao estrangeiro: outra vez Biarritz, outra vez Paris...

GEORGINA (intencional) — E, outra vez, Lisboa...

ARTUR (num impeto, erguendo-se) — Não. Fico — até conseguí ter o coração e o cérebro tão vãos que me igualem ao mais banal dos turistas.

GEORGINA (com ironia) — E se eu partisse para Paris, ia também?

ARTUR (com precipitação) — Ficava.

GEORGINA — Eu não penso em viagens...

ARTUR (com ansiedade) — E se eu partir?

GEORGINA (abandonando-lhe as mãos que ele beijava com amoroso transporte) — Partia também...

O CASAMENTO EM INGLATERRA

Em Inglaterra, vai ser discutido um projecto de lei autorizando o casamento entre pessoas ligadas por determinados graus de parentesco. Se esse projecto for aprovado, John Bull pode desposar a filha do irmão ou da irmã da sua defunta mulher; a viúva do irmão de seu pai e de sua mãe; a irmã da mãe ou do pai de sua defunta mulher, e a viúva do filho de seu irmão ou de sua irmã.

Os casamentos feitos nessas condições darão lugar a curiosos graus de parentesco... e a comédias de entrecho extremamente complicado e burlesco.

Um intenso movimento de piedade tem percorrido o mundo inteiro nos últimos dias... Habitára-me a julgar o homem o bruto mais egoísta de toda a Criação e fundas razões me assistiam para isso... Afinal, porém — e embora me encontre a muitas leguas de lhe conferir a bondade natural de que falava Jean Jacques — vejo-me na dura obrigação de, publico e raso, me retratar... Este caso do general Nobile é daqueles que põem um arripio de comoção na espinha de toda a gente: por ele se vê que, afinal, o homem não é tão mau como o pintam, semelhantemente ao que dizem suceder com certo morador das profundas do inferno...

Partido há semanas para uma expedição que a mim se me afigura quasi inútil — a passagem do grau 90 em aeronave — o general Nobile viu-se a alturas tantas atirado para fora do dirigível e caiu com alguns companheiros sobre paragens ignoradas e longínquas de gelo e desolação. Durante dias e dias ninguém soube dele e dos que o acompanhavam. E o mundo inteiro vibrou de piedade registando-se rasgos admiráveis de dedicação e sacrifício. Mas dois sobretudo me agitarão o coração: o de Arold Amundsen e o dos Soviets... O velho explorador das terras árticas, já alquebrado e naquela época da vida em que os ossos emperram e o cérebro se recusa a outros trabalhos que não sejam o amor pela comodidade e a análise saudosíssima do passado, esse glorioso e velho descobridor de terras nórdicas cortará relações com o general Nobile. Mas, ao saber que este se encontrava perdido nas solidões do Polo, teve um impulso de louca generosidade e, com outros companheiros tão audazes como ele, decidiu ir salvar o seu inimigo. E foi... Mas, dizem, perden-se também. Se fôrmos a analisar

bem as notícias que nos chegam das agências, Amundsen perdeu a vida quando tentava salvar a do seu adversário: é quasi certo que sobre ele e os seus companheiros se fecharam como um túmulo esplendoroso as neves eternas do Polo. Comove-me a sorte dessa glória da Humanidade e dos seus audazes e abnegados companheiros. Afinal o homem não é tão mau como o pintam e ainda bem...

Mas, o que sobretudo me tem chocado o espírito é a atitude do governo dos Soviets. Não morro de amores pela acção pseudo-civilizadora dos bolchevistas, e até a julgo em muitos pontos o regresso puro à autêntica barbaria. O certo, porém, é que sendo Nobile um fascista ardoroso, um inimigo feroz do bolchevismo e grande auxiliar de Mussolini na luta contra as ideias da Rússia, os esforços dispendidos pelos Soviets para salvar Nobile e os outros naufragos do ar, seus companheiros, teem sido duma abnegação extraordinária. E um curioso simbolismo toca de estranheza o gesto dos Soviets: o navio corta-gelos que os bolchevistas enviaram em socorro do general italiano chama-se Krassine... Sei que a estas horas, os naufragos foram já recolhidos por uma expedição enviada pela Suécia — uma das muitas expedições enviadas de toda a parte. Mas, o inimigo dos bolchevistas esteve quasi a ser salvo pelo símbolo do anti-fascismo... A sorte tem às vezes coincidências estranhas e esta é uma delas!

Seja, porém, como fôr, o que desde já fica estabelecido é que o homem não sendo o anjo que pretende ser, ainda não é tão mau como o pintam... E isto é importante para quem, como as mulheres, às vezes o teem de aturar toda a vida!

ROSA TIRANA.

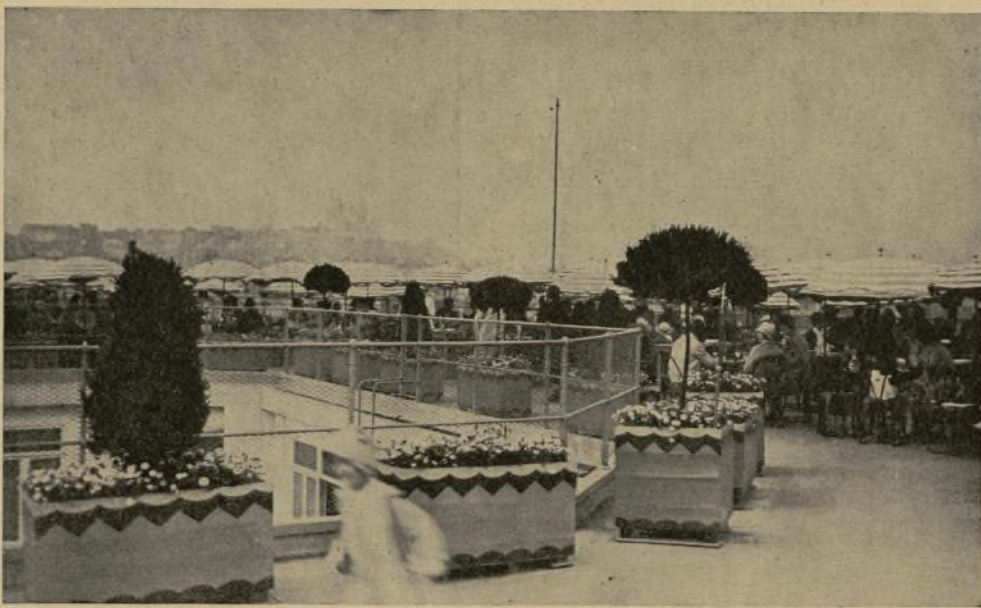
O CHÁ... NO TELHADO

As Galerias Lafayette, populares e luxuosos armazens de modas de Paris, acabam de inaugurar um serviço de chá, nos seus telhados, o qual obteve um vivo êxito logo no seu início.

Pode computar-se em milhares de pessoas a frequência diária das Galerias e, entre essas,

bril dos grandes boulevards, — preferem tomar chá antes ou depois das suas compras.

Por outro lado, as que lá vão apenas para tomar chá acabam por, ao atravessar nos ascensores todos os pavimentos daqueles famosos armazens, se tentar diabolicamente e fazer compras que não estavam nas suas intenções.



muitas, — por comodidade e até pela vista magnífica que se desenrola do terrasso que abrange uma grande parte de Paris, permitindo também o presenciar-se o movimento fe-

É um círculo vicioso que faz pagar caro a quem pretenda ter o capricho de tomar chá a preços relativamente modestos, com Paris, a imensa metrópole, a seus pés.

MADemoiselle VIRAGO

Um anúncio modesto, de dez linhas, na penúltima página dum jornal parisiense, provocou o aparecimento de grande número de crónicas, assinadas por alguns dos grandes nomes da imprensa e da literatura francesas. Que conteria ele de extraordinário para causar tão ruidosa sensação?

Tratava-se duma mulher, duma mulher excepcional, que se oferecia para dirigir um negócio na Europa, na Ásia ou mesmo em África, que exigisse grande energia e decisão. Esta dama aguerrida conhece as línguas francesa, inglesa e árabe; sabe montar a cavalo, desfechar, com fulminante pontaria, uma espingarda ou uma pistola e não receia ter de se haver com tribus selvagens ou reputados e ferozes bandidos.

Mademoiselle Virago encontra-se, actualmente, na Argélia dirigindo uma granja, por um ano.

A maioria dos autores dos artigos veem nela um sintoma evidente da evolução da mulher que, tendo reivindicado iguais direitos aos dos homens, aparece, apetrechada para a luta pela vida, como se tivesse de conquistar a sua existência a murro e a tiro.

Outros, porém, afirmam que não se trata de nenhum sintoma de evolução feminina, declarando que a mulher não perderá nenhum dos atributos que a tornaram, desde o início do mundo, diferente do homem.

Mulheres de armas sempre existiram em todos os tempos, aigumas das quais deram e ganharam batalhas, sem que esses seres excepcionais tivessem, nalguma época, constituído regra para o seu sexo.

Um outro, porém, mais perspicaz ou mais desconfiado, insinua que se trata duma invenção parodiada dum filme americano, com meros objectivos de reclamo — à americana...

METRÓPOLIS, o discutidíssimo filme de Fritz Lang, baseado no cenário famoso de Théa von Harbou, precisa de uma crítica, que, em Portugal, ainda se não fez. Vinha ele precedido de um renome extraordinário, de um clamor sem fim — e todos esperavam maravilhas e assombros. Sim, todos esperavam achar em Metrópolis a pedra angular do cinema do futuro. Mas, é preciso dizê-lo, a geral expectativa foi traída. Fritz Lang, o realizador magnífico dos Nibelungen e da Morte Cançada, teve, por certo, ao fazer Metrópolis, um sonho alto e grande. Experimentou talvez o anseio de construir alguma coisa de gigantesco e de imortal. Mas nós, ante seu novo filme, somos obrigados a pensar que o seu sonho falhou, que a sua visão grandiosa não conseguiu materializar-se e ficou, por assim dizer, inexprimida.

Será acaso Metrópolis um mau filme? Não. Sem dúvida que não. Metrópolis tem qualidades, belas qualidades. Metrópolis tem mesmo, aqui e ali, pedaços notáveis de beleza, cenas felizes, de um modernismo requintado, e fortes simbolismos, plenos de sugestão e de fulgôr! Em suma: se Metrópolis se não chamasse Metrópolis, se fôsse apenas um filme alemão como há tantos, teria decerto deixado atrás de si um perfume intenso de simpatias. Mas, porque se esperava muito mais, ficou-se com a impressão triste de uma obra inacabada...

O filme de Fritz Lang prometia uma visão poderosa e empolgante da cidade do futuro. Prometia uma estética nova, cheia de indutismo e de vigor. E contudo essa Babilónia de 2000, essa fantástica Metrópolis tem a fisionomia burguesa de Nova York, de S. Francisco ou de Chicago... Seus «arranha-céus» são primos direitos dos «arranha-céus» americanos. Apenas há, como apêndice, os caminhos de ferro aéreos e a aviação urbana; mas tal, se revela fantasia, não tem grandeza, não impressiona e quasi faz sorrir...

Também, na intenção de Fritz Lang, a máquina, o gigante de ferro, devia ser a primeiro actor, o protagonista da sua nova produção. A máquina devia encher o filme, dinamizar a acção. E, apesar disso, em Metrópolis, a máquina não tem relevo, nem poder expressivo, nem força emocional. Não possui vida própria, reduz-se a um acidente. É o segundo grande objectivo de Metrópolis, que Fritz Lang não logra realizar, em que é derrotado.

Através do filme, notam-se por vezes excessivas e escusadas complicações para exprimir certas ideias e certas sensações. As cenas da catástrofe são brutais mas não têm grandeza; e a sua exagerada lentidão torna-as monótonas e algo maçadoras.

O cenário é banal e tem por vezes exotismos ridículos, como, por exemplo, o automóvel, de concepção infantil. A découpage é assás defeituosa.

A interpretação tem homogeneidade e equilíbrio. Brigitte Helm é mais feliz no desempenho da Maria que no do autómato. Gustav Froelich no Freder tem um bom trabalho e uma mimica assombrosa. Alfred Abel é perfeito. R. Klein Rogge, no inventor é magistral, tendo porém no fim alguns deslises.

Metrópolis, no seu conjunto, dá a impressão de um grande sonho falhado. Tem, porém, valores parciais de raro brilho e constitui uma larguíssima promessa. Está contudo, em nossa opinião, muito longe de ser uma obra prima.

FERNANDO DE PAMPLONA.

A MODA REPETE-SE...



Volta a moda das «capelines», esses lindos chapéus, de abas airosoamente rodadas que emolduraram os caracóis gentis das formosas mulheres de Winterhalter e do nosso grande Visconde de Menezes, dois pintores de genial elegância. Nada há de novo sobre a terra...

Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para famílias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.

PARIS, abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.

30, Rue Montaigne — Hotel para famílias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.



CARTA DE PARIS

Minha querida:

Eis que chega a bela estação, a melhor do ano pelo seu encanto, mas também a que dá mais preocupações a toda a dona de casa.

Tudo necessita da nossa atenção. Ver bem as peles antes de as guardar; cuidar das camas e todos os seus acessórios; verificar minuciosamente tapetes e tapeçarias para as preservar, tudo pede o nosso trabalho e o nosso tempo.

Agora que os teatros pouco a pouco fecham as suas portas, é preciso encontrar outra coisa para os substituir.

E encontrou-se...

O Palais Bourbon reabriu e as «premières» deste teatro são muito procuradas. Os camarotes e frisas regorgitam de gente, e todo Paris disputa a graça de poder assistir às sessões.

Há grandes processos e crimes retumbantes que atraem sempre uma multidão curiosa de sensações diversas.

E, como nas «premières» sensacionais, aqui também se enfeitam e vestem elegantemente.

São principalmente os chapéus que predominam, pois é o que mais se vê.

Depois que se decretou ser a palha o mais



moderno material para chapéus criou-se uma grande diversidade de modelos.

Reparei ante-ontem num lindo chapéu em palha «bengale» preta. A aba, em «cloche», era completamente debruada a fita de veludo preto, e em volta da copa tinha fita de veludo cor de rosa graciosamente enrolada.

Um outro que vi para estes dias quentes era em palha amarelo-limão.

A aba era desigual e a copa com largas pastilhas bordadas sobre um fundo escuro.

Uma fita estreita em veludo amarelo rodeava a copa.

Entre as grandes novidades da estação o que está marcando cada vez mais um grande lugar são os coletes.

Elegantes e simultaneamente práticos, são muito úteis, o que mais concorre para justificar a sua continuação dentro da última moda.

Eis aqui um em veludo bege e vermelho muito elegante para se vestir sobre vestidos brancos e que eu te recomendo muito particularmente.

Mil beijos da tua tia

NUELMA.

AS MODAS EM VOGA

O MODERNISMO
AO SERVIÇO DA
INDUMENTARIA
:: FEMININA ::

A COR E FANTASIA
NOS VESTIDOS DE DES-
PORTO :: PORTO ::

O MODERNISMO NOS VESTIDOS FEMININOS



em «tricots», fazenda ou sêda, lindos modelos para vestidos de passeio.

Todos êles, dentro deste género, são duma elegância e requinte maravilhosos.

Feitos em geral em dois tons da mesma cor e muitas vezes mais, constituem um conjunto onde o bom gosto operou devidamente.

Foram principalmente as cores, sempre muito bem combinadas, que chamaram logo a atenção da mulher, sempre sensível e cheia de requintes de beleza, para o modernismo que a venceu nas suas «toilettes». Antigamente combinavam-se cores diferentes e geralmente opostas; hoje combinam-se tons e o efeito é surpreendente.

Entre as cores completamente opostas há duas que perduram: são o branco e o preto. Estas duas cores fazem um conjunto muito fino e por isso êle entra muitas vezes na confecção de lindos modelos, mesmo os mais modernos.

Publicamos nesta página um modelo muito distinto e elegante, feito em branco e preto. De linha direita, este modelo tem uma barra larga na saia e nas mangas, em crêpe da China preto, com esguios bicos incrustados no crêpe branco. Uma estreita fita em crêpe da China preto contorna a gola e desce em longas pontas até à cintura. O cinto é feito com a mesma fita muito estreita.

Neste modelo o preto e branco compuzeram um vestido delicioso que bastante agradará às leitoras.

Os outros vestidos, também duma elegância estilizada e sugestiva, são feitos em dois tons da mesma cor, e muitas vezes três e quatro, escolhidos em escala.

Como a leitora vê, todos estes vestidos, onde o modernismo lançou a sua caprichosa personalidade, foram adoptados pelas elegantes de todo o mundo, sendo portanto a mulher a sua maior propagandista. Hoje não há pormenor

As mulheres são as maiores culpadas da divulgação do «modernismo».

Marinetti, um dia, soltou o grito de guerra contra o «pompiérismo» em Arte, contra o logar-comum do «academismo». Foi recebido à gargalhada, com vaias, com insultos — e até com bofetadas.

Depois surgiram Picasso e Braque, ambos intitulando-se os descobridores do «cubismo». O «cubismo» é a mais importante corrente modernista, maior mesmo que o «impressionismo» que tão grande honra obteve.

Formou-se uma corrente em todo o mundo, mas uma corrente ligeira de um a dois adeptos em cada país.

Em Portugal além de Santa Rita Pintor e Amadeu S. Cardoso, que morreram, temos ainda esse valor, internacional já, da nossa Arte, que se chama Almada, e além deste vários outros.

Dado, porém, o exotismo, tanto da sua Arte como da maneira de a propagandear, ninguém tomava a sério esses novos «mefelibatas». As suas afirmações estavam totalmente desacreditadas e «futurista» era sinónimo de doido, ou pelo menos de infantil.

Mas dizem os filósofos que há qualquer coisa de comum entre as mulheres, os doidos e as crianças — e essa Arte de infantilidade e desvairo encontrou na mulher o seu principal interprete e nos seus vestidos os melhores cartazes de réclamo.

Nos homens apenas as gravatas «aderiram». Nas mulheres foi tudo: os chapéus e os sapatos, o padrão dos tecidos e a linha dos vestidos, as fivelas e os adornos, até à «maquillage».

Hoje a mulher estilisa os olhos, as sobrancelhas, a boca, a cor das faces e o penteado modernista.

Foi fazendo desenhos para vestidos de mulher que os artistas modernos evoluíram. E se hoje essas coisas estão a ter uma universal aceitação e aplauso, devem-no à mulher que os soube compreender e adoptar a tempo, emprestando-lhes a fina graça do seu corpo para que essas novas cores e novas linhas brilhassem exuberantemente.

O que acabo de dizer é confirmado em absoluto pelos modelos aqui publicados. São estes



as mais recentes criações modernistas que artistas de nome desenharam e que os grandes costureiros, absolutamente de acordo com êles, mandaram executar nos seus «ateliers», centro de todas as elegâncias.

Principalmente os vestidos de desporto foram os que mais sofreram as modernas modificações.

Todos êles são gritantes de cor e de fantasia. O matizado de cores em desenhos e cortes caprichosamente estudados, constituem o encanto dos lindos «sweaters» tão em moda e geralmente adoptados para o «tennis» o «golf» e o remo.

Sob os casacos, — que este verão se usam em sêdas muito leves como crêpe da China, crêpe «georgette» e também popeline de sêda, — usam-se com frequência estas lindas blusas.

Mas não só ao desporto os modernistas capricharam em adaptar a sua Arte. Os vestidos de noite e os de passeio também tem o cunho natural do lápis modernista que os desenhou.

Nos primeiros, estruturalmente estilizados, vêem-se feitos complicados e estranhos, ou então são todos bordados a contas em várias cores ou tons, formando desenhos variadíssimos mas tendendo todos para o cubismo e futurismo.

Nos vestidos de passeio a composição é infinita. Desde os tecidos estampados em mistura de tons sabiamente combinados, até ao feito de corte singular e estranho, êles percorrem uma longa escala difícil de se tornar conhecida e comentada.

Temos nesta página além das lindas blusas

nenhum de «toilette» que não seja modernista. Se o modernismo é um crime, a mulher é a sua maior culpada; se é uma virtude é a sua maior heroína.

Tudo ela sacrificou a esse modernismo: até os próprios cabelos.

MADMOISELLE X.



(Modelo a que se refere a nossa Carta de Paris)



(Modelo a que se refere a nossa Carta de Paris)

VOGA, APRESENTARÁ EM BREVE OS SEUS PRODUCTOS DE BELEZA
Ayuntamiento de Madrid

CONCURSO DE BELEZA INFANTIL

OS BÉBÉS DAS NOSSAS LEITORAS

Continuamos hoje a publicação dos retratos escolhidos pelo júri para votação das nossas leitoras. No próximo número publicaremos os restantes e um «coupon» aonde as nossas leitoras inscreverão os nomes dos bebés que se lhes afigurem dignos de receber os primeiros prémios



N.º 21 — 7 anos



N.º 26 — 14 meses



N.º 31 — 5 anos



N.º 36 — 3 anos



N.º 22 — 20 meses



N.º 27 — 2 anos



N.º 32 — 3 anos



N.º 37 — 2 anos



N.º 23 — 5 anos



N.º 28 — 2 anos e meio



N.º 33 — 12 meses



N.º 38 — 2 anos e meio



N.º 24 — 27 meses



N.º 29 — 3 anos



N.º 34 — 6 anos



N.º 39 — 5 meses



N.º 25 — 18 meses



N.º 30 — 2 anos e meio



N.º 35 — 3 anos



N.º 40 — 5 anos

TODAS AS LEITORAS E ASSIGNANTES DA VOGA DEVERÃO preferir OS NOSSOS PRODUCTOS DE BELEZA



Vestido de passeio
em tafetá azul ma-
rinho (Charlotte)
Foto G. L. Manuel Frères.



Vestido de jantar em ta-
fetá verde-agua e renda
prateada (Francis) Foto Henri Manuel



TREZ
lindos
chapeus



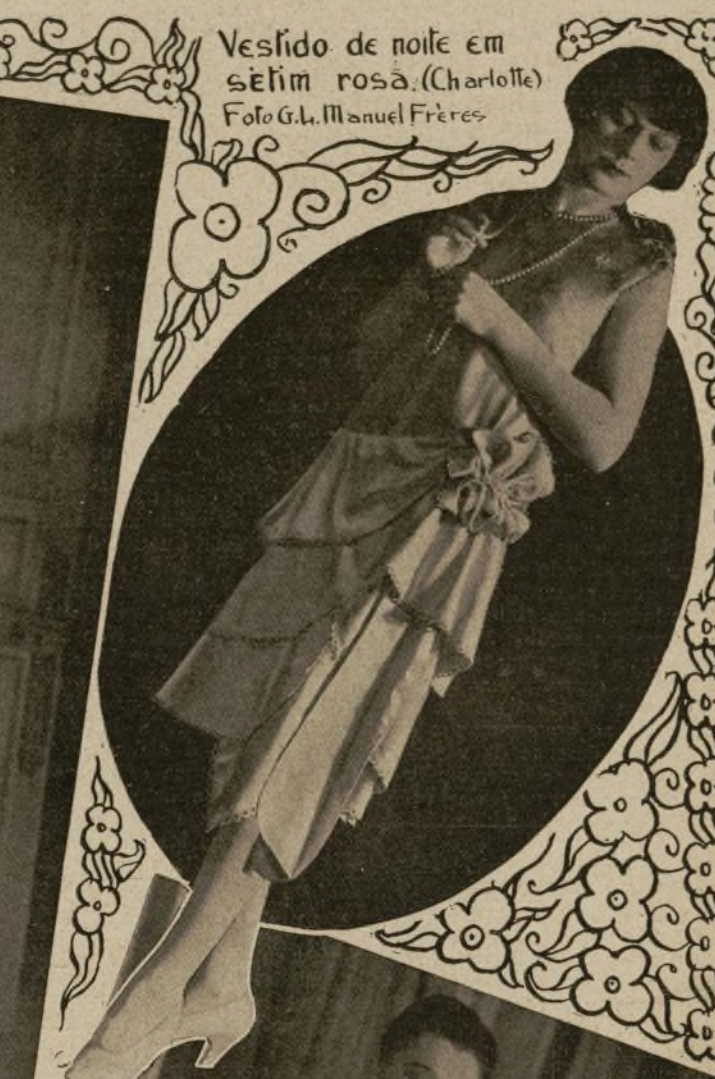
Chapeu de penas pretas enfi-
das com pintas prateadas



TREZ
lindos
chapeus



Vestido de noite em
sêlim rosa (Charlotte)
Foto G. L. Manuel Frères



Vestido de
casaco em
sêlim azul
marinho e
beige (Magnin)
Foto G. L. Manuel Frères



Vestido em crêpe da
China lavrado.
Foto G. L. Manuel Frères.

Vestido em crêpe da
China preto e branco.
Foto G. L. Manuel Frères.



Conjunto em kasha e
"georgette" cinzento
claro (Philippe et
Gaston) Foto Manuel Frères



Vestido de noite em mus-
selina de seda azul
bordado a contos,
laço em sêlim azul.
(Chanel) Foto Henri Manuel



Vestido em crêpe georgette
verde. (Magnin) Foto G. L. Manuel



Vestido de bai-
le bordado a
contos prate-
das (Magnin) Foto
G. L. Manuel Frères



Vestido em crêpe da
China lavrado e liso
finamente plissado.
Foto G. L. Manuel Frères

Conjunto em crêpe da
China cinzento claro
e azul marinho. Foto G. L.
Manuel Frères



Três sun-
tu-
osas saídas de baile.
(Drecol) Foto G. L. Manuel
Frères

Ajanela:
Vestido de passeio
em "tiffis" preto (Lucien
Lelong) Foto Scaroni

O primeiro acontecimento cuidadosamente preparado com toda a antecedência teve lugar em plena galeria pública do severo Parlamento de Westminster, que então centralizava todo o orgulho do vasto Império inglês.

Um grupo de sufragistas, tendo muito naturalmente tomado lugar na primeira bancada das galerias destinadas ao público, começou por disfarçadamente se prender pela cintura às grades, da balaustrada, com o auxílio de fortes correntes de ferro fechadas por cadeados cujas chaves fizeram cuidadosamente desaparecer.

Em seguida, ocultando tanto quanto possível a existência das correntes sob os casacos, aguardaram com a maior naturalidade que a sessão parlamentar fosse iniciada, conservando-se em perfeito silêncio até ao momento em que foi dada a palavra a um certo Lord chefe de um partido conservador.

Com toda a calma e gravidade de um autêntico Lord Anglo-Saxão, o orador começou o seu brilhante discurso atacando o feminismo, o Sufragismo e as Partidárias de Mrs. Pankhurst ante o silêncio solene de toda a Câmara, atenta às suas palavras respeitáveis.

Três minutos não tinham porém decorrido, quando logo em seguida à primeira frase mais violenta, teve lugar um escândalo como até então já jamais ocorrera na tradicional e mui digna Câmara dos Lords.

Semelhante ao bramir de um bando de aves desconhecidas, dezenas de vozes femininas fizeram-se ouvir de repente, em berros formidáveis e ininterruptos, na frase já célebre: *Votes For Women!*, votos às mulheres! Votos às mulheres!

Todos os Lords empalideceram estupefactos. Pois quê? Até ali, em pleno Parlamento do Império Britânico, adentro das paredes históricas de Westminster, esses seres que se diziam pertencer ao sexo feminino, atreviam-se a vir perturbar a ponderação e religiosidade da mais respeitável reunião de todo o mundo?

Num gesto, o Presidente, de pé, esforçando-se por manter uma impassibilidade impossível, ordenara já que «essas senhoras fôsem imediatamente expulsas da sala!»

E... o caso excedeu então os limites da sizura devida até mesmo numa Câmara como a dos Lords!

Os guardas obedecendo à ordem de expulsão, começaram por delicadamente indicar às sufragistas a porta da saída. Como estas continuassem indiferentes à ordem, gritando sempre: *Votos às mulheres!*, resolveram aproximarem-se, agarrando-lhes os braços para assim fazê-las sair imediatamente. Eilas guinchavam sempre, e ante os gestos imperiosos da maioria dos Lords, já encolerizados por aquela ousadia inconcebível, disporam-se a levá-las positivamente à força para fora da sala.

Foi então que as correntes entraram em scena. Reconhecendo a impossibilidade de partir tão fortes amarras, os guardas, ante a surpresa de todo o Parlamento, explicaram lá de cima por gestos que eram impotentes para fazer sair tal espécie de gente... e elas sempre a gritar!

Um serralheiro, um pelotão de serralheiros foi chamado à pressa para proceder à imagem das correntes, e as ferozes propagandistas do sufrágio feminino enquanto os serralheiros não chegavam, faziam sempre ecoar cada vez mais forte em toda a Câmara dos Lords o seu grito de guerra: *Voto às mulheres!*

A sessão foi interrompida, alguns Lords mais exaltados gritavam também, apopléticos, pedindo mordacões como os bebês pedem biberon, e toda a atmosfera sempre tão grave, tão protocolar e imponente da Câmara dos Lords, parecia ter-se assim transformado repentinamente na sucursal de algum manicómio amotinado.

Votos às mulheres! berravam elas e... os serralheiros sem aparecer!!!

Finalmente os operários chegaram e sempre sob o vozear incansável daquelas raparigas terríveis, conseguiram limar as malditas correntes, permitindo então que todas as sufragistas, bem erguidas nos braços possantes dos soberbos «Policemen», fôsem transportadas para

MORREU MRS. PANKHURST!

(Conclusão)

fora do Parlamento gritando sempre a sua apóstrofe de combate!

O escândalo foi mundial e nessa noite, Mrs. Pankhurst fez distribuir pelas ruas de Londres mais um panfleto que a polícia procurou logo apreender.

Era, contudo, um modelo de eloquência como todos os seus discursos de propaganda e cuja transcrição temos presente numa obra de Feminismo.

Bi-lo:

«Mulheres!

«O problema da igualdade dos sexos impõe-se agora mais do que nunca! Em pouco tempo a vitória será completa e não haverá distinção de sexos ante os direitos políticos e sociais de todo o mundo!

«Que seja a Inglaterra o primeiro país a lembrar à humanidade os «Direitos da Mulher» tal qual foi a França a nação que proclamou os «Direitos do Homem e do Cidadão».

«A escravidão da mulher é a mais colossal iniquidade da era presente e também o único elo que ainda nos liga a um passado tenebroso de erro e de ignorância em que a mulher ou era a escrava sofredora dos caprichos brutais de uma sociedade regida pelo sexo masculino, ou a boneca estúpida, cujas únicas preocupações não vão nunca além dos horizontes de uma insuportável intriga amorosa, de uma joia inútil ou dum vestido indigno do seu sexo!

«Mulheres, eis em que se resume a vossa felicidade futura, o termo da vossa escravidão actual:

«1.º Sufrágio universal sem distinção de sexos.

«2.º Reabilitação social da mulher numa situação igual à do homem.

«3.º Conquista de todos os direitos devidos ao seu sexo e ao seu papel sublime de mãe e de companheira indispensável à alegria e felicidade do homem.

«Para tal conseguirdes, gritai, pois, sempre bem alto:

»

«Votos às mulheres! Votos às mulheres! Votos às mulheres!»

A guerra conseguiu, contudo, dar a Mrs. Pankhurst uma oportunidade para provar aos olhos de todos os incrédulos que a Mulher é sempre mais do que competente para exercer quasi todas as profissões que até então eram açambarcadas pelo sexo masculino.

Enquanto os homens eram forçados a abandonar as suas ocupações para batalhar no «front», Mrs. Pankhurst, graças a uma actividade extraordinária, conseguiu fazer-se, enfim, ouvir nos meios oficiais, organizando uma verdadeira mobilização feminina em toda a Grã-Bretanha e Irlanda. Em pouco tempo, as gares dos Caminhos de Ferro substituíam a maioria dos seus empregados por mulheres que passaram a desempenhar as suas profissões talvez bem mais cuidadosamente.

Em seguida, apareceram as mulheres condutoras dos carros eléctricos e dos omnibus-camions, as «chauffeuses» dos automóveis, as empregadas de escritório, as jornalistas e reporters tão sagazes como já mais os homens haviam sido e toda uma revolução na sua maneira de vestir, mais confortável e higiénica. Os cabelos cortaram-se, os adornos desapareceram e os chapéus foram reduzidos à expressão mais simples.

Na agricultura, todos os campos passaram a ser quasi exclusivamente cultivados pelas mulheres e as crianças das escolas, enquanto nas descargas das docas, suspensas sobre os guindastes poderosos, eram ainda as mulheres que dirigiam o funcionamento da descarga de todos os produtos tão necessários à vida do seu país.

Depois, como consequência da sua situação social, a mulher pôde finalmente sair só, ser livre sob o olhar vigilante das mulheres-policías, austeras e dignas nos seus uniformes de agentes de segurança feminina nas ruas sempre perigosas das grandes cidades e finalmente Mrs. Pankhurst obtinha o triunfo dos seus

ideais, conseguindo que o Parlamento inglês decretasse o direito de voto a todas as mulheres donas de casa e maiores de 30 anos de idade.

A Mulher vencerá!!!

Embora as endiabradas partidárias de Mrs. Pankhurst tivessem de facto adoptado vários processos condenáveis de propaganda durante os primeiros tempos de luta pelos seus ideais feministas, a acção de Mrs. Pankhurst é, sem dúvida, merecedora de toda a homenagem e gratidão da parte de tantas mulheres que hoje, graças à persistência da propaganda feminista, conseguiram conquistar os meios necessários à sua existência, numa independência relativa e em profissões que ainda há bem poucos anos, antes da guerra, sómente eram ocupadas pelo homem, convencido de que só ele e unicamente ele possuía os requisitos necessários ao desempenho dessas profissões e consequentemente o direito de considerar-se o «chefe de família».

CYBELLE.

AS NOVAS DANSAS

As franceses nunca perdoaram aos norte-americanos a vitória do Charleston e do Black-bottom, tendo empregado os maiores esforços no sentido de destronar estas duas dansas em voga.

O twist, dansa francesa, que foi exibida pela primeira vez numa sessão consagrada à imprensa, obteve já a consagração quasi unanime dos delegados do Congresso mundial de dansa. Outras dansas novas tem aparecido: a trebla, que se apresenta sob a forma duma «polka mazurcada» muito agradável; a Vermandoise, inspirada nalguns passos da gavota e do minete; e a Chips and Chops, tirada de motivos dos bailados japoneses.

Apesar de todos os esforços realizados, de todas estas dansas inventadas, o Charleston segue, imperturbavelmente, sua triunfal carreira...

A PROPOSITO DE LIVROS

OS MEUS SERÕES, POR CÂNDIDO DE FIGUEIREDO.

Este livro é um herbario de saúdes... Cândido de Figueiredo, cuja longa e trabalhosa vida foi um exemplo de extrema dedicação pela pureza da formosa lingua lusitana, conta-nos singelamente neste livro postumo o que foi a sua peregrinação por este mundo de Cristo. Assim, este livro, como todos os de memórias, tem um perfume triste e esmaecido — o perfume das folhas mortas... Corre-o de ponta a ponta a Saúde, mas uma saúde que se contenta em evocar suavemente, em contar com simplicidade, sem grandes gestos nem exclamações dolorosas... É a história duma vida com todos os seus sonhos e realidades, e vai desde os tempos de menino e moço até aos dias de alquebramento da velhice, desde a época descuidosa da aula do mestre régio até às sessões eruditas da Academia das Sciencias. Homens e factos, poetas e estadistas, alegrias e dores, tudo quanto Cândido de Figueiredo conheceu e sentiu adentro da sua longa existência de homem de letras e de português, tudo encontrará o leitor de *Os meus serões*. Foi com encanto que fizemos a sua leitura e, voltada a última página, não nos podemos impedir de pensar que obras deste género se satisfazem o autor por lhe darem azo ao doce prazer de recordar, são da maior utilidade para quem gosta de ler e para os que se dedicam ao estudo da história da literatura em virtude dos subsídios e esclarecimentos que ministram. E não esqueçamos também uma outra qualidade, e essa primordial em livros que saíssem da pena culta e exigente de escritores como Cândido de Figueiredo: o estarem escritos em tersa, vernácula e puríssima linguagem portuguesa. Só isso lhe concederia fóros de benemerência, desde que outras qualidades não tivessem *Os meus serões* a recomendá-los!

F. M.

NO COLEGIO DA BAFUREIRA



Alunas e alunos que na última semana tomaram parte numa festa realizada no mesmo colégio

COLGATE'S
ECLAT
TOILET SOAP

Exquisitamente perfumado — seguro para a mais frágil complexão. Um sabonete dum feito manuseável. Produz uma espuma maravilhosa de uma fragância refrescadora.



Neste sabonete encontra-se uma pedra que se gasta devagar e que não amolece nem se estraga.



AGENTES GERAIS:
JOÃO MACHADO
DA CONCEIÇÃO & C.ª, LTD.ª
75, Rua da Conceição, 1.º — LISBOA

AS MODAS NO VERAO

Acabam de chegar novas colecções de tecidos de seda e de lã, da maior novidade:

Malhas de lã com fio metálico, lindíssimos padrões

Crepes da China, fantasia e lisos, todos os tons da moda

Toiles de Soie, Foulards, Granités, esplendidas qualidades

Cover-Coats, Popelines, Jerseys lisos, em mescla e de fantasia, etc.

A MAIS CHIC COLECÇÃO, que vende a PREÇOS BARRATISSIMOS a

GALERIA DA MODA

Rua da Prata, 82 a 86

TEL. C. 77

SABER ECONOMISAR É SABER ENRIQUECER



Tipo de cofre que pomos gratuitamente à disposição do público para conseguir este fim

Grafologia

Para obter os característicos grafológicos de qualquer pessoa, basta enviar a

MADAME DE MEMPHIS
GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Cecílio de Sousa, 77, 1.º Lisboa

um envelope contendo o documento ou documentos que se deseja submeter à análise com a quantia de — um escudo — em papel moeda ou estampilhas postais por cada consulta.

O verdadeiro nome ou morada da cliente, só são necessários se se deseja a devolução dos documentos enviados devendo neste caso ser também incluído um envelope devidamente estampilhado e endereçado.

Sempre que as conclusões ou o resultado da análise não correspondam à expectativa dos nossos clientes, ou resultem aparentemente falsos, rogamos encarecidamente que, com a maior sinceridade e sem o menor receio de susceptibilizar a nossa competência, nos apontem os desacordos mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa de todos os seus característicos grafológicos, podem todas as ex.^{mas} consulentes da Voga reenderçar estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal, (Esc. 2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista. MADAME DE MEMPHIS.

N.º 522 — Mimi — Ribatejo — Energia decidida sabendo impor a sua vontade de maneira a sempre, ou pelo menos quasi sempre, obter os seus fins em vista a despeito de todos os obstáculos que por ventura possam surgir no caminho por vezes árduo dos seus desejos.

É um grafismo revelando excelentes qualidades morais onde a simplicidade predomina sobre todos os outros sentimentos.

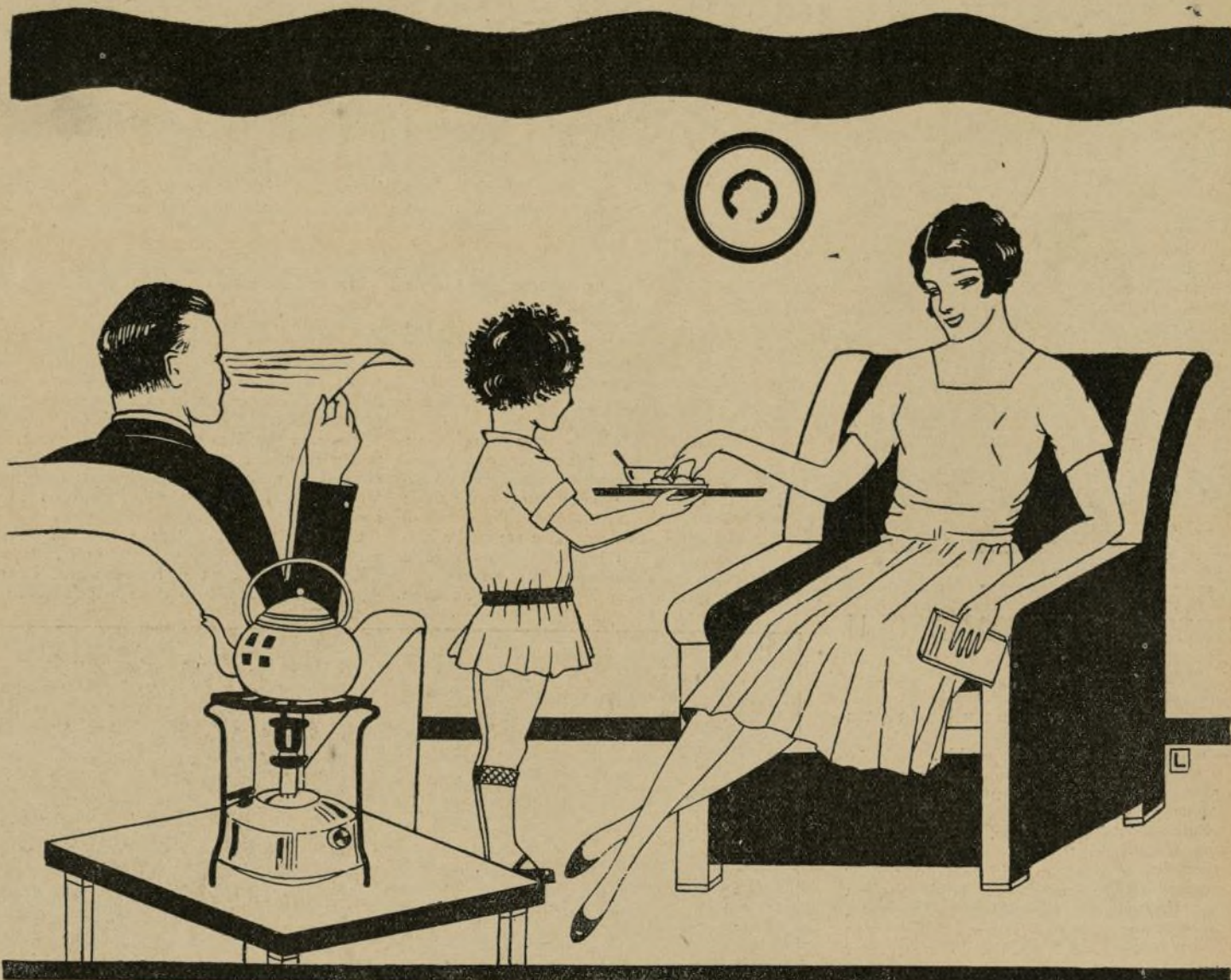
Verifico assim que Mimi, quando quer, sabe o que muito bem quer e como melhor quer...

N.º 523 — Amor de mãe — Serra — Embora todos os sintomas de uma grande infantilidade ofusquem ainda as qualidades mais características desta personalidade, posso todavia afirmar que nenhum defeito de carácter mais permanente transparece nestes traços.

Com efeito, a despeito da precipitação com que por vezes resolve certas dificuldades escolares, a parcela moral permanece intacta e ainda que a intelectualidade não surja tão desenvolvida como seria para desejar, sem dúvida uma grande vontade existe latente que, se for encaminhada, poderá produzir os melhores frutos.

É dotado de uma excelente observação, de uma memória muitíssimo fiel mas... todo o seu espírito parece sofrer de uma grande indecisão que deve prejudicar o efeito geral.

N.º 524 — Um novo do século XVII — A análise poderá ser grafológica ou caso se deseje um estudo ou observação psicológica de natureza semelhante, poderemos igualmente exercê-la em resposta a uma série de perguntas devidamente formuladas, mediante as condições indicadas nesta secção.



EM FAMÍLIA A comodidade só é completa quando o chá é feito em 5 minutos com o FOCÃO VACUUM VACUUM OIL COMPANY

Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agencias



PETROLEO
SUNFLOWER

Neste caso a resposta não poderá de modo algum ser dada particularmente, devendo ser publicada na sua devida oportunidade.

N.º 525 — Vieille Rose — Afectividade, vibrando impressionável numa agitação por vezes dificilmente contida mas sempre correcta na sua exterioridade, a despeito de todas as dificuldades e... também alguns perigos.

Há, porém, traços que indicam uma tal persistência de concentração voluntária que eu poderia até talvez classificar esse esforço psicológico como uma manifestação de violência ocasional.

Uma pergunta a que eu desejaria que me respondesse com toda a franqueza que indubitavelmente a caracteriza:

É verdade que sempre se sente desejosa de perdoar algum mal que por ventura lhe hajam feito ou antes se esforça por dominar essa tendência irremediável para já mais deixar sem punição aquele ou aquela que a atingiu?

Que... já diziam os latinos:
Todo o segredo de uma vida absolutamente feliz, reside na observação constante e profunda dos nossos pensamentos.

Nosce te ipsum!
Eis a dificuldade.

N.º 526 — Rosa Branca — Permita-me que afirme: não há letras feias! Para mim, às vezes

as letras que outras pessoas dizem mais feias são também as mais belas, tal qual a beleza perturbadora de um rosto dotado dos mais finos e artísticos traços, nem sempre constitui a prova de um bom coração. A mais verdadeira de todas as belezas é aquela que os ataques do tempo já mais alteram, a beleza que nunca envelhece, a beleza que não morre: a Beleza moral!

O resto, a beleza exterior, é apenas a... moldura, e até às vezes infelizmente bem mais trabalhada do que a tela inscrita: a Alma!

Rosa Branca revela assim nos seus traços uma bondade manifesta, uma dedicação afectuosa, um grande desejo de agradar, ainda que às vezes o seu temperamento não lhe permita manifestar-se tão... — como direi? — angélica como deseja.

E eis tudo ou quasi tudo o que o seu grafismo me sugere.

N.º 527 — Garota Endiabrada — Lisboa — Perdão! V. Ex.^a não é irascível! V. Ex.^a é apenas e simplesmente sincera e muitíssimo franca!

Sabe porquê?

Eu explico:
Neste mundo, isto é, no mundo em que nos sentimos viver actualmente, todas as manifestações psíquicas de alegria, tristeza, colera, inveja, admiração, afecto, surpresa, fadiga, despreso, dor, medo, riso, choro, etc., etc., só

podem geralmente chegar ao nosso conhecimento por três dos nossos sentidos:

1.º Pela audição: Isto é, pela enfase e entoação dada às palavras.

2.º Pela visão: Ou seja o jogo fisionómico da expressão, ou pela leitura de qualquer documento escrito.

3.º Pelo tacto: A agressão, o afago, etc.

Ora é evidente que quem sabe por exemplo conter a sua alegria sem a manifestar, a cólera ou qualquer outro sentimento sem fazer um gesto, poderá, pois, passar por uma excelente pessoa, com um génio de pomba sem fel, um anjo de bondade celestial, mas tudo é falso, e assim não é decerto dotada do maior e mais belo sentimento moral de que é justo orgulharmos: a Sinceridade!

Quando V. Ex.^a se mostra irritada e irascível, V. Ex.^a é por esse motivo mais bela aos meus olhos sob o ponto de vista moral, do que nunca, porque está então mostrando-se tal qual se sente ser, e é consequentemente neste momento absolutamente sincera!

Tudo o seu grafismo revela-me simplesmente uma grande sinceridade emoldurada por um verdadeiro espírito de independência, uma impressionabilidade apuradíssima e... — estou chegada ao ponto escabroso da análise — apenas muito «teimosas»!

XXXVI

HOJE, 29 de Novembro, saí cedo para dar um passeio, talvez longo, cuja ideia me sobreveiu a noite passada, enquanto o meu caique me reconduzia de... de além... Batia meio dia quando saí da rua de Brussa. Almocei na leitaria do bairro Karakeny. Em seguida, atravessei o Corno de Ouro. E aqui estou em Stambul. Ao fim da ponte, meti pela primeira rua à direita — como noutro tempo... Caminho agora sobre o chão arrelvado, entre as silenciosas casas de madeira, em meio da solidão, banhada de sol, da imensa cidade que parece uma aldeia morta.

Ciprestes, figueiras, acácias; — choupanas misturadas com os conaks dos bois e dos paixás; — túmulos espalhados por toda a parte; — e às vezes, de longe em longe, um transeunte grave que se cruza comigo, sem me dirigir mais que um olhar. Não vou ao acaso. Tenho tenção, em primeiro lugar, de repetir hoje, passo a passo, o meu primeiro passeio em Stambul, passeio que se gravou no mais fundo da minha memória, e de que tantas coisas nasceram, — presentemente mortas.

A mesquita de Solimão, para começar. Primeiro percurso, curto. Aqui está já a ogiva de velhas pedras por onde se vai dar à esplanada quadrada, vasta como uma planície. Aqui está, a mesquita gigante, com o seu turbilhão de cúpulas, semelhantes às dunas de areia que o simum aglomera em cachos... Lá estão os quatro minaretes, tesos e altivos como quatro lanças, e que dão a impressão de estar prê-gando, do alto daquele tríplice balcão, as quatro virtudes predilectas do Islã: a fidelidade, a coragem, a indulgência para os fracos, e o ódio para os maus...

Quero entrar. Quero contemplar as colunas do templo de Eféso, as que já viram passar quatro deuses... Mas não olharei para o turbeh da Sultana Roxelana, que roubou os filhos à Sultana Hasseki.

Em verdade, isto não é um passeio, é uma peregrinação. Mas é que também tenho motivos para crer que já não viverei muitos dias nesta Turquia que, pouco a pouco, se me tornou apaixonadamente querida.

Sigo agora o labirinto das vielas que vão da mesquita do Sultão Solimão à mesquita do Sultão Selim... Estranha cousa! na mesma encruzilhada de há dois meses, a mesma pobre se conserva agachada, com a criança sobre os joelhos... a mesma, sim... não me engano. Hesito um segundo: tenho tanta vontade de lhe dar algum dinheiro!... Mas sei que ela vai recusar. Talvez não! Agora me recordo, tem de se dar ao filhito... Além disso, eu agora falo turco, não sou completamente um infiel.

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA.

(Continuação)

Aproximo-me, chamo-lhe respeitosamente «minha mãe», e rapidamente, despejo a bolsa na pequenina mão. Há bastante dinheiro na minha bolsa: sete, oito moedas, que valem pelo menos cinco francos de França!

Olha-me espantada, através da espessa etamina do tcharchaf, e agradece-me com uma frase que eu não esperava e que me perturba: «Sede feliz pelo amor daquela em quem pensais...»

Mais ruas, muitas ruas, ladeadas de casas ou dos túmulos. Aqui está o meu bairro, Kara-Gumruk, e começo a recordar-me dele. Não tarda que a imensa cisterna bizantina me barre o caminho. Sim. E eis a minha própria casa, onde só dormi uma vez. Mas ainda não entro. Ainda não. Quero primeiro tornar a ver, o pátio daquela Selémié Djami, que é a minha mesquita, agora que aqui habito... Quero tornar a ver o pátio dos velhos ciprestes, a cuja sombra, no dia do primeiro passeio, estivemos muito tempo a descansar, «aquela em quem eu penso» e eu. Recordo-me: comemos doces comprados por ela no estabelecimento de Hadji-Bekir, o confeitiro turco da moda. Arrelia-me não ter doces para comer hoje aqui...

Quatro longos olhares para as quatro paredes claustradas, coloridas pelas suas vivas faianças, e aqui estou de novo junto da porta abobadada. Hesito agora... Seria preciso, para seguir o antigo itinerário, continuar até à porta de Andrinopla, sair dos muros da cidade, e ir-me sentar no grande cemitério de Aziyadé... Mas isso, mais tarde, um pouco mais tarde. Há de chegar a hora de entrar no medonho cemitério... Por agora, é no turbeh de Hasseki que estou pensando. Desejava lá ir, tinha necessidade de lá ir... para rezar uma oração... mas é tão longe daqui, mais de uma légua! Que horas são? Duas menos cinco, já! Oh! não tenho tempo. Preciso até de me apressar. Vamos, à cisterna, e a minha casa! A rua está deserta, como sempre. Certamente que ninguém me

viu abrir a porta de madeira nova, e fechá-la atrás de mim.

As grades de ripas cruzadas, que em turco se chamam kefes, protegem-me contra o olhar indiscreto de qualquer vizinho ou transeunte. Uma alcova turca é o mais inviolável dos santuários...

Esta é bonita: as cortinas de seda Brussa que

outro dias comprei, pendem das janelas, o mangal de cobre brilha no meio do sobrado...

E no manequim de vime, aqui está o fato de hanum, de dama turca velada, misteriosa, incognoscível; — e sobre uma mesa, o pequeno punhal damasquinado, com cabo de jade e lâmina aguda.

Creio... creio que vou dormir. Sim. Durmo.

Durmo... Quando se dorme, tecem-se sonhos, não é verdade? sonhos estranhos... sonhos sanguinários...

Noite. Noite escuríssima. Estou... estou acordado do sono e do sonho... e já muito longe da casa de Kara-Gumruk: aqui está a grande ponte que galga o Corno de Ouro. Há candeeiros na ponte. Páro ao clarão que dança. Parece-me que me esqueço de alguma coisa... Sim, é isso. Este papel... este papel... Desdobro-o, leio-o. Torno a ler. É isso: alguma coisa me esquecia. Um papel, — um papel inútil, — rasga-se, por certo... assim, dois, quatro, oito, dezasseis, trinta e dois, sessenta e quatro pedaços, que o vento propício arrebatava, dispersa, afoga no mar profundo.

(Continua)

Comparando
o valor nutritivo
de:



EM UNIDADES ALIMENTARES POR KILOGRAMA				
Leite fresco 1392	Pão 2904	Ovos 2950	Carne 3212	Farinha Lactea NESTLÉ 6700

Chega-se á conclusão
da superioridade da
FARINHA LACTEA NESTLÉ

A FARINHA LACTEA **NESTLÉ**
constitue para a criança, o convalescente,
a pessoa idosa
UM ALIMENTO SCIENTIFICAMENTE
COMPLETO



O SIMBOLO DA SUPREMACIA!

OS GRAMOFONES

E DISCOS

"His Master's Voice"

SÃO OS PREFERIDOS PELAS SUAS
RECONHECIDAS QUALIDADES

AGENTES GERAIS:

GRANDE BAZAR DO PORTO, L.^{DA}

Rua Augusta, 150
LISBOA

Rua de St.^a Catarina, 192
PORTO



"COLUMBIA"
GRAFONOLAS
DISCOS

A marca que mantem a sua incontestável superioridade sobre qualquer outra

AGENTES EXCLUSIVOS

P. SANTOS & C.^A, L.^{DA}

52, 54, R. Ivens, - LISBOA - R. Garrett, 57, 59, 61

Lon Chaney
em «Lugh, Clown,
Lugh!»



EM BAIXO: —
Uma formidável ca-
racterização de Lon
Chaney



OS ANOS BISEXTOS EM HOLLYWOOD

POR LON CHANEY

O HOMEM DAS MIL E UMA CARAS



EM CIMA:—Lon Chaney
em «The Miracle Man»



A ESQUERDA: — Lon
Chaney em «Tell it to the
marines»

É caso assente em Hollywood, como uma das suas muitas superstições, que em cada ano bissexto, no 366.º dia tem que, forçosamente casar um solteiro.

Os poucos artistas solteiros que ainda restam em Hollywood, segundo os boateiros, andam à procura de esconderijos a fim de escapar às vistas das solteironas que estão à espreita atrás das portas.

Milhares de raparigas há, que ambicionando o matrimónio com os grandes ídolos da tela escrevem cartas às carradas para esses solteiros, e de quando em quando, para variar, algumas residentes de Hollywood enchendo-se de coragem, propõem-lhes casamento sem a menor cerimónia.

O número de solteiros é muito limitado, pois existe apenas uma quarta parte que ainda não se «enforcou». Sendo assim, é portanto de esperar que os mesmos solteiros vivam às tontas e passem seus dias ocupados lendo a enorme correspondência de dentro e fora do país, que todos os dias lhes chega. Estranho como pareça, isto não passa, no entanto, de um facto consumado.

De entre os artistas solteiros de maior destaque, acham-se Ramón Navarro, o herói de «Ben-Hur», e John Gilbert, que com seus trabalhos na scena muda com Greta Garbo e Renée Adorée, fez com que muito coraçõesinho acelerasse a sua marcha normal. A este exclusivo grupo estão também unidos William Haines, protagonista das fitas *Rumo ao Mar*, *West Point* e outros filmes, bem como o impagável Karl Dane, o cómico da *Grande Parada*, *Rockies* e outras.

Este quarteto vive eternamente rodeado de um grupo de dōze raparigas, super-atractivas jovens e os trabalhos são sempre interrompidos e demorados pelas exclamações que constantemente se ouvem de «Não» às fervorosas admiradoras, não obstante o facto de cada uma ser um modelo de arte e beleza.

Não deixa também de ser assunto o saber como é que os ditos solteiros até agora têm sabido escapar-se aos elos matrimoniais, bem como as raparigas bonitas do cinema, pois é para admirar que tão lindas criaturas, como Greta Garbo e Marion Davies, adoradas por todo o mundo, consigam fugir aos seus admiradores.

Greta Garbo diz que o ano bissexto para ela nenhuma significação tem a não ser mais um ano em que vivemos, pois o seu maior desejo é permanecer solteira.

Não há dúvida que os milhares de mancebos que opinam pelo celibato mudariam d pensar num abrir e fechar de olhos se as adoráveis Greta Garbo e Marion Davies se manifestassem com disposições para o casamento.

(Continua)